



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

de Oliveira Assis, Gláucia; Kosminsky, Ethel
Gênero e migrações contemporâneas

Revista Estudos Feministas, vol. 15, núm. 3, setembro-dezembro, 2007, pp. 695-697
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38115312>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Seção Temática

Gláucia de Oliveira Assis
Universidade do Estado de Santa Catarina

Ethel V. Kosminsky
Universidade Estadual Paulista, campus de Marília

GÊNERO E MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A proposta de organizar essa seção temática sobre Gênero e Migrações Contemporâneas surgiu durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 e significou para nós um grande desafio. Na segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, homens e mulheres cruzaram o mundo em busca de uma vida melhor. No final do século XX, os novos movimentos internacionais de população, iniciados no final dos anos 1950, caracterizam-se pela maior diversidade étnica, de classe e de gênero, bem como pelas múltiplas relações que se estabelecem entre a sociedade de destino e a de origem dos fluxos – o que aponta para as características transnacionais desses fluxos que se conectam aqui e lá numa intricada rede de relações. Dessa forma, não são apenas os europeus brancos partindo da Europa para “fazer a América” (cerca de 90% dos fluxos do século XIX), mas também trabalhadores imigrantes não-brancos partindo dos países periféricos e dirigindo-se para os Estados Unidos, Canadá e países da Europa. Além dessa maior diversidade étnica e de classe, há um aumento significativo da participação de mulheres.

Numa coletânea de artigos sobre gênero e migração, Mirjana Morokvasic afirmava que “Os Pássaros de Passagem também são mulheres”,¹ sugerindo que a participação das mulheres nas migrações internacionais tem sido negligenciada por pesquisadores e formuladores de políticas públicas, ou que estas têm sido representadas de maneira estereotipada como “dependentes passivas”. Assim, embora muitas vezes os dados sobre os contingentes de mulheres aparecessem nos estudos, suas experiências, vivências, trabalhos, ficavam encobertos na categoria “migrante”, considerada *gender-blind*.² De fato, até recentemente, a migração internacional era majoritariamente tratada como um fenômeno que envolvia particularmente os homens. Essa maior visibilidade numérica das mulheres contribuiu para questionar sua invisibilidade enquanto sujeito nos movimentos populacionais e, a partir das críticas das teóricas feministas, estudos recentes buscam

Copyright – 2007 by Revista Estudos Feministas.

¹ MOROKVASIC, 1984.

² Invisibilidade do gênero.

compreender a articulação entre relações de gênero e migração. Portanto, não se trata de reconhecer a importância proporcional das mulheres ou sua contribuição econômica e social nos processos de migração e adaptação, mas de considerar como os discursos e as identidades de gênero se redefinem nesses processos.

Nesse início do século XXI, as questões e temáticas colocadas pelo crescimento dos fluxos internacionais nos instigam a lançar um olhar mais arguto à maneira como homens e mulheres se inserem nesse movimento transnacional de mão-de-obra. Dentro dessa perspectiva, essa seção temática pretende abordar a questão, trazendo trabalhos que discutem, a partir de diferentes perspectivas teóricas e enfoques metodológicos, como homens e mulheres se inserem nos fluxos migratórios contemporâneos.

Essa seção temática pretende oferecer um quadro dessa circulação internacional de trabalhadoras, buscando demonstrar diferentes estratégias de migração e de inserção no mercado de trabalho, re-arranjos familiares e de gênero, e as experiências vivenciadas nas sociedades de migração num contexto de cerceamento cada vez maior das fronteiras.

Para tanto, dois textos aqui apresentados discutem a ausência de referências à presença de mulheres como agentes dos movimentos migratórios nas pesquisas realizadas até o início dos anos 1970, nos Estados Unidos, e até a década de 1990, no Brasil. O artigo de Gláucia de Oliveira Assis, "Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional", trata especificamente dessa questão ao focalizar o movimento de brasileiros, homens e mulheres, da cidade de Criciúma, Santa Catarina, para a região de Boston, Estados Unidos, mostrando como as mulheres articulam as redes de migração e as alterações das relações familiares e de gênero ao longo desse processo.

O texto "Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero", de Ethel V. Kosminsky, compreende a análise de uma das primeiras pesquisas etnográficas realizadas no país na década de 1970, com o intuito de elencar a contribuição desse tipo de trabalho para o fortalecimento de uma etnografia feminista, que tem "gênero" como categoria central dos estudos migratórios.

Os dois artigos seguintes focalizam a migração de mulheres dos países periféricos para os países centrais, onde vão ocupar o nicho do serviço doméstico. Assim, o artigo de Carmen Gregorio Gil, "*Trabajando honestamente en casa de familia: entre la domesticidad y la hipersexualización*", analisa, através de uma pesquisa etnográfica, as diferenciações das representações de gênero, parentesco e sexualidade de homens e mulheres migrantes na República Dominicana e em Madrid, na Espanha.

O texto de Teresa Kleba Lisboa, "Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência", discute os fluxos migratórios de mulheres, procedentes dos países do Terceiro Mundo, que se dirigem para os países do Primeiro Mundo, onde trabalham como empregadas domésticas, constituindo uma "globalização da assistência", diante da falência das políticas do Estado do Bem-Estar Social. Propõe a autora que aqueles Estados financiem políticas públicas destinadas às mulheres e às suas famílias de modo a garantir a sua permanência nos seus países de origem.

Por fim, mas não menos importante, o artigo de Adriana Piscitelli, "Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do 'turismo sexual' internacional", discute as categorias de diferenciação presentes em casais constituídos por brasileiras, que abandonaram a indústria do sexo, e os seus maridos italianos, residindo nesse país europeu. Focaliza a autora as implicações resultantes desse tipo de migração que "recria, em escala mundial, desigualdades permeadas por gênero".

Esses artigos expressam uma pequena parcela dos estudos e pesquisas que vêm sendo realizados sobre a temática. No entanto, traçam um quadro da inserção das

GÊNERO E MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

mulheres de diferentes origens étnicas e nacionais em diferentes contextos e situações, sugerindo um olhar mais crítico e atento para a feminização das migrações internacionais e todas as suas consequências sociais, culturais e políticas.

Na expectativa de que esses textos estimulem o debate e suscitem outros estudos e análises para possíveis articulações entre gênero e migrações internacionais é que organizamos essa seção temática.

Referência bibliográfica

MOROKIVASIC, Mirjana. "Birds of Passage are also women." *Internacional Migration Review*, v. XVIII, n. 4, Winter 1984. p. 886-907.